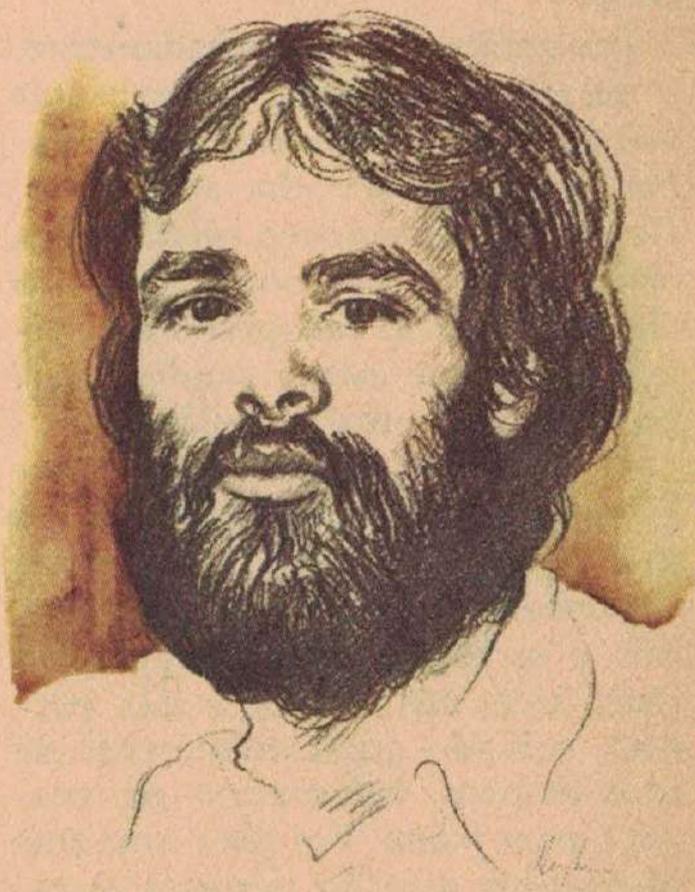


O tetraplégico que não desistiu

QUANDO, naquela fatídica tarde de novembro de 1966, Eugene Williams entrou com passo enérgico no ginásio, alguns de seus admiradores o saudaram com pancadinhas nas costas. Gene, de 16 anos, alto e com boa figura, aluno do quarto ano do ginásio de St. Albans, em Washington, D. C., era o ídolo de futebol do momento, proclamado pelos jornalistas esportivos, na Reunião Atlética Interestadual, como o mais promissor jogador de defesa da escola secundária. Além disso, ocupava também o lugar de capitão-substituto da equipe de *lacrosse* (espécie de hóquei) de St. Albans, era membro do conselho de estudantes, excelente contra-baixista num popular conjunto de *jazz* e artista plástico cujas pinturas eram das melhores que a escola apresentava. «Qual é a sensação», perguntou-lhe um dia o pai, «quando, aos 16 anos, temos o mundo aos nossos pés?»

Indubitavelmente, a sensação era agradável, recorda o jovem Williams. Nesse tempo tudo lhe parecia fácil. Embora estudando pouco, conseguia sempre média satisfatória no aproveitamento aca-



ALLEN RANKIN

Apesar de sua incapacidade física, ele se tornou baterista de *jazz*, graduou-se em Harvard e leva uma vida movimentada

dêmico. Com isso e suas possibilidades atléticas, esperava ser admitido em Harvard. Tencionando melhorar ainda mais suas condições físicas, começou treinando luta livre. «Talvez assim minhas possibilidades aumentem.» Por esse motivo, entregou-se de corpo e alma à sessão de treinamento dessa tarde.

Foi então que, inesperadamente, o desastre aconteceu. Ao executar um rápido salto mortal para escapar a um golpe do adversário, Gene sentiu o pescoço estalar e sua vista foi ofuscada por um súbito clarão. Quando recuperou os sentidos, viu que estava sendo transportado para uma ambulância.

À meia-noite, os neurocirurgiões já sabiam que acontecera o pior. Gene fraturara a coluna entre a quinta e a sexta vértebras cervicais e se tornara um tetraplégico (paralítico dos braços e das pernas), privado quase totalmente de movimentos voluntários do pescoço para baixo. Foi feita uma traqueotomia para lhe permitir respirar. Ao sair da sala de operações, quando passava no *hall*, tentou acenar para seus pais, desanimados, mas o braço esquerdo (a única parte do corpo que conseguia mover) ficou erguido apenas um instante antes de tombar novamente inerte.

Internado na enfermaria de tratamento intensivo, Gene foi submetido a tração rígida, com a cabeça e o pescoço fraturado metidos num capacete formado por

lâminas de aço. Ali iria ficar preso e imóvel durante seis semanas. Para evitar ferimentos causados por estar deitado sempre na mesma posição, Gene, na maca de lona em que se mantinha, era virado de duas em duas horas. Quando deitado de costas, via apenas o teto; em posição ventral, observava o assoalho através de uma pequena «janela» existente no colchão. Não podia ver os outros doentes que lutavam também para sobreviver, mas percebeu que três deles morreram durante sua permanência ali.

De súbito, sentiu que devia reagir com determinação: *Cada um é responsável por seus próprios atos. No momento decisivo, aquilo que você faz ou é só a você diz respeito.* Decidiu que, viesse a ganhar ou a perder a «partida», iria comportar-se de maneira que ele e sua família pudessem ficar orgulhosos.

O jogo endureceu. Em fevereiro, surgiram infecções nos rins e na bexiga. A febre atingiu 40 graus. Uma bursite nas articulações das maxilas tornou-lhe difícil até mesmo a ingestão de alimentos líquidos. Perdeu 34 quilos. Embora tivesse recuperado a capacidade de respirar quase normalmente e de mover um pouco os braços, seus dedos, no entanto (e o resto do corpo abaixo da região peitoral), continuavam paralisados. Tentou pensar unicamente em coisas agradáveis. As visitas que os antigos companheiros lhe faziam ajudavam bastante, assim

como os dolorosos mas desejados tratamentos com Janet, a bonita e paciente jovem fisioterapeuta, um autêntico anjo caído do céu.

Em junho, os pais de Gene resolveram transferi-lo para o famoso centro de reabilitação da Universidade de Nova York, vulgarmente conhecido como Instituto Rusk. Nessa ocasião o jovem era pouco mais do que um inválido, aparentemente sem esperanças de recuperação. Apesar de tudo, os médicos achavam que ainda podia acontecer um milagre, mas o Dr. Donald A. Covalt, diretor-adjunto do instituto, explicou calma e detalhadamente a Gene: «Para o tipo de lesão que você sofreu na medula espinal, aqui pouco poderemos fazer, a não ser mostrar-lhe o caminho que será possível percorrer e ensinar-lhe a forma de consegui-lo. A possibilidade de você se tornar definitivamente inválido ou de voltar a ser um indivíduo auto-suficiente depende unicamente de sua força de vontade.» Depois acrescentou: «Posso prometer-lhe uma coisa: se não desistir de lutar (e 90% dos paralíticos, hoje em dia, conseguem voltar a integrar-se de forma produtiva na sociedade), essa será a proeza mais difícil de toda a sua vida!»

Na opinião do médico, Gene teve «muita sorte» em conseguir de novo usar os músculos tricépticos dos braços. Depois de «reeducados» e desenvolvidos, esses músculos permitiram executar precioso

movimentos de impulso, coisa que muitos quadriplégicos não conseguem fazer.

Desde o primeiro instante, Gene simpatizou com a maneira direta e sincera como aquele médico lhe falava, mais parecendo um treinador esportivo. Em homenagem a Covalt, não desistiria e haveria de trabalhar de verdade para tentar a recuperação.

Deitado no tapete do ginásio do instituto, esforçava-se e suave fazendo exercícios com halteres, que lentamente iriam desenvolver e fortalecer os músculos aparentemente inexistentes dos pulsos, braços e ombros. O movimento mais insignificante, começando com a aprendizagem para mudar de posição na cama, constituía um violento desafio. Até o sentar-se numa cadeira-de-rodas era trabalho difícil. Estando privado dos reflexos instintivos normais, Gene tinha de praticar para conservar equilibrado o peso do corpo e evitar cair ao solo.

Decorridas algumas semanas, Manning e Kathleen Williams, nas visitas regulares que faziam ao instituto para dar amparo e conforto moral a seu filho, repararam que este estava lhes dando lições. Todos nós vivemos tolhidos por uma série de limitações e os que estão em pior situação são aqueles que desconhecem suas potencialidades ou que não desejam progredir. Nós, os quadriplégicos, sabemos quais são nossos pontos fracos e nos esforçamos por ultrapassá-los.

Treinando no centro de recuperação de Horizon House, Gene foi aprendendo progressivamente a executar as 132 Atividades da Vida Diária. Trabalhando com vontade, reduziu para 30 minutos o período de mais de três horas de que primitivamente necessitava para se vestir. O mais importante, porém, foi conseguir autorização para dirigir automóvel, um Chevelle de duas portas especialmente equipado, oferecido por seu pai. Aprendeu a sentar-se sozinho ao volante, a fechar e a recolher a cadeira-de-rodas no interior do veículo e a dirigi-lo – com auxílio de comandos manuais acionados pelos dedos, inertes, mas movidos pelos pulsos já recuperados.

Quase todos os tetraplégicos que vão para Rusk ali ficam internados durante seis meses, e às vezes mais. Ao fim de dois meses, Gene insistiu em sair. «Obrigado», disse ele aos médicos, «mas penso que agora já posso tomar conta de mim mesmo e, além disso, quero gozar um pouco a vida.» Então empenhou-se nesse projeto com alegria e determinação.

Gene ia empurrando sua cadeira-de-rodas pelos declives suaves dos recintos anexos à escola St. Albans onde estava prestes a completar seu curso. Como todos os quadriplégicos, tinha de enfrentar problemas constantes e lutar até para conseguir continuar a viver. Durante o dia, era obrigado várias vezes a levantar e a exercitar as pernas inutilizadas, a fim de

normalizar a circulação sanguínea. Precisava de tomar remédios e beber cinco litros de líquidos em cada 24 horas para evitar infecções nos rins e na bexiga. Como quase todo o seu corpo perdera a faculdade de transpirar, o calor ou as salas de aula aquecidas eram um problema constante. Tinha de suportar um cateter externo que lhe fora implantado para atender as exigências imprevisíveis de sua bexiga.

Os pais e a irmã mais nova o ajudavam quando tentavam fazer-lhe compreender que ele era tão normal como qualquer outra pessoa. Na modesta casa em que moravam, instalaram no piso térreo uns aposentos especiais para Gene. Subindo e descendo a rampa que substituiu os degraus da porta dos fundos, ele entrava em casa ou saía a qualquer hora do dia ou da noite, desfrutando de tanta independência nesse aspecto como qualquer outro jovem de Washington.

Estudava com entusiasmo e tirava boas notas, tendo ainda tempo para oferecer-se como treinador auxiliar da equipe de futebol. «Quando é preciso um esforço tão grande para continuar vivo», confidenciou Gene a um amigo, «o que se quer é uma vida digna de todos esses sacrifícios.»

Apesar disso, surgiam-lhe frustrações e anseios terríveis. Claro que já não podia tocar contra-baixo, piano ou guitarra, como fazia antes do acidente, mas um dia

descobriu um velho tambor abandonado a um canto da casa. Verificou que, colocando as baquetas entre os dedos inertes e movimentando os pulsos, obtinha uma batida um tanto vacilante, mas, com a prática, foi melhorando.

Nas suas saídas à noite, Gene fez amizade com músicos de *free jazz*, e seu apartamento começou a se encher e a vibrar com o ambiente excitante das *jam sessions*. Deixou crescer a barba, explicando ao reitor de St. Albans que necessitava daquele ornamento capilar para proteger o rosto quando tombava da cadeira-de-rodas. Fora do edifício da escola, Gene passou a envergar aquela espécie de uniforme (*jeans* encardidos, camiseta de algodão e sandálias) que o identificava como um jovem contestatário do Sistema. Embora um pouco chocado a princípio, o pai de Gene foi o primeiro a aceitar que um *hippie* exuberante e capaz era mil vezes preferível à figura triste e apagada que vira no hospital, e assim continuou sendo o principal entusiasta e o mais incondicional adepto do filho.

Em junho de 1968, Gene (agora já com um aproveitamento escolar que o colocava entre os melhores alunos) diplomou-se em St. Albans. No outono desse ano, matriculou-se em Harvard, no curso de música, freqüentando ao mesmo tempo alguns cursos paramédicos com o intuito de compreender e possivelmente melhorar suas condições físicas.

Um dia, quando um novo conjunto musical formado por estudantes improvisava no porão do dormitório, Williams encheu-se de coragem e perguntou: «Posso acompanhá-los um pouco na bateria?» Os outros músicos ficaram espantados com sua capacidade de afinar os instrumentos e logo o convidaram para fazer parte do conjunto.

Algumas vezes, a orquestra (que recebeu o nome de «Jones») era contratada para tocar em bailes de estudantes, e Gene, entusiasmado pelo som dos instrumentos de sopro, embevecido pela movimentação dos pares gingando freneticamente ao ritmo de sua bateria, sentia intensamente que «estava integrado e participando de toda aquela beleza e camaradagem». Tornou-se também *disc jockey* num programa da estação de rádio de Harvard.

Antes do acidente, Gene planejava fazer sozinho uma viagem pelo Oeste, em busca de aventuras. Nas férias de verão do segundo ano na universidade, Gene realizou esse sonho, em peregrinação, dirigindo o seu carro de comandos manuais. Completou a dura jornada, dormindo no automóvel e cozinhando muitas vezes ele mesmo as refeições.

Em 1973, Gene graduou-se em letras pela Universidade de Harvard. Hoje, com 25 anos e apesar da paralisia que afeta quatro quintos de seu corpo, tem de novo à frente um futuro brilhante. Recen-

temente, tentei localizá-lo e o encontrei, feliz e independente, vivendo num pequeno quarto alugado, em Boston, Massachusetts. Seus companheiros (jovens incorformistas como ele) o tratam amigavelmente por Geno. Vencendo a adversidade, sempre conseguiu alcançar os três objetivos que norteavam sua carreira de «jovem promissor» antes da fratura do pescoço que ia sendo fatal para ele.

Que lhe aconteceu nos esportes? Continua sendo um atleta de elite na sua categoria: campeão na corrida de obstáculos e resistência em cadeiras-de-rodas. Os fabricantes, no entanto, se queixam de que suas cadeiras não foram feitas para suportar o uso que Gene lhes dá.

Nas artes? Munido de pincel especial de cabo longo, que é ajustado ao pulso, voltou a pintar – e acredita que seus novos trabalhos são os melhores que já fez.

Na música? Toca bateria num trio louco que, na opinião dos entusiastas, «leva os adeptos do jazz a experimentarem sensações jamais atingidas». Só com a música, Gene no futuro poderia provavelmente prover seu sustento, caso desejasse, mas ele pretende ter outra atividade profissional. Com os seus olhos castanhos brilhando de entusiasmo, Gene me disse: «Quero aproveitar minha vida ajudando os que sofreram acidentes como eu. Irei trabalhar, se for possível, num centro de recuperação física; caso não consiga, trabalharei em qualquer outro lugar.»

Gene está organizando seu próprio programa de fisioterapia. «Como quase todos os tetraplégicos», explica ele, «os tratamentos clínicos me beneficiaram menos do que certas coisas bastante simples, como exercícios físicos, dieta, massagens, esquemas macrobióticos – e também coisas *humanas*, como meditação, oração; o carinho de pessoas como a minha primeira fisioterapeuta, Janet; a iniciativa, a decisão e o sacrifício de meus pais; a compreensão e a sensatez de um médico quando me explicou que minha vida sexual não tinha necessariamente terminado mas seria apenas 'diferente'; e a coragem de outros quadriplégicos cujos méritos e êxitos alcançados me inspiraram, demonstrando-me que também eu poderia conseguir graduar-me.»

O Reverendo Charles Martin, notável reitor do St. Albans, declarou recentemente: «Nenhum aluno que tenha concluído o curso nesta escola (freqüentada por algumas das mais importantes personalidades do país) deu maior prestígio a St. Albans e serviu de exemplo aos alunos vindouros do que Eugene Williams.»

Invejável elogio, sem dúvida. Gene, no entanto, talvez preferisse ouvir outro elogio mais singelo. «Qual o motivo por que você está escrevendo uma história sobre ele?», perguntou-me bastante intrigado um baterista de Boston. «Gene tem alguma coisa que seja assim tão especial?» ▲